

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR ATRAVÉS DO CYBERBULLYING: UM IMPACTO NEGATIVO
NO DESEMPENHO DA APRENDIZAGEM?**

RJ maio/2021

VIOLÊNCIA ESCOLAR ATRAVÉS DO CYBERBULLYING: UM IMPACTO NEGATIVO NO DESEMPENHO DA APRENDIZAGEM?

Nomes das autoras

ThaysRenovato Ferreira - Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Marcia Cristina Lima da Silva - Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Orientadora

Professora Solange Brito de Azevedo - Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Graduada e Pós-Graduada em Pedagogia: Gestão Escolar, Orientação Educacional e Supervisão Educacional; possui Curso Técnico profissionalizante em Formação de Professores; Aperfeiçoamento na Formação de Jovens e Adultos (UFF) e Educação Infantil (PUC); Brinquedista pela Associação Brasileira de Brinquedoteca - ABBri/SP; Aperfeiçoamento em Jogos e Brincadeiras na Alfabetização (UNINTER), Literatura Infantojuvenil e Contação de Histórias (UNINTER).

RESUMO

Esta pesquisa objetiva estudar a violência no meio educacional sob perspectiva pedagógica, considerando o Cyberbullying como um impacto negativo do desempenho da aprendizagem (ou não). Sob olhos freudianos, compreende-se que os impulsos responsáveis pela inquietação dentre o convívio dos seres humanos tendem a ser relacionados aos impulsos dialéticos que correspondem ao eixo que constitui a subjetividade humana. Dessa forma, compreender quais são os males que a violência do Cyberbullying pode acarretar no desenvolvimento do processo da aprendizagem se torna ponte nos estudos sobre o comportamento da comunidade escolar na intenção de dissipar com esse mal que colabora com os baixos índices de aproveitamento dos estudantes, além de desarmonizar o ambiente e desequilibrar as relações harmoniosas tão importantes na troca de experiências que contribuem no desempenho dos discentes. A metodologia estará voltada à Pesquisa Bibliográfica Qualitativa com análise literária de obras referentes ao tema, buscando o apoio em referenciais teóricos com estudos sobre o assunto central para que seja possível uma contribuição científica que sirva de auxílio aos responsáveis e professores nas instruções de auxílio às possíveis vítimas escolares do Cyberbullying em seus desempenhos de aprendizagem.

Palavras-chave: Cyberbullying, aprendizagem e desempenho escolar.

INTRODUÇÃO:

A hostilidade dentro do âmbito escolar já não é algo que surpreende. Diariamente, nas mídias sociais, somos alvejados com imagens que chocam e desesperam, tais como, alunos agredindo professores e outros colegas se utilizando, não apenas da violência física, mas também apresentando a arma do discurso do ódio através da ação midiática. O perigo também está frente à sala de aula, abrangendo diversas faces e esferas de interação. A realidade não é apenas a que submete fisicamente as pessoas de uma forma agressiva; a era digital apresenta também uma realidade voltada à violência escolar.

A era atual dos computadores, o mundo globalizado, informações que giram a todo o momento são situações que caracterizam a época que vivemos marcados principalmente pela facilidade digital. Entretanto, como tudo dentro do mundo atual, não se pode ignorar os aspectos negativos e o que seus impactos podem causar na sociedade. Hoje, na internet, pessoas do mundo inteiro são hostilizadas pelo bel prazer de sociopatas em potencial que tendem a se apegar às máscaras virtuais e criar diversas dessas objetivando agredir outras pessoas por diversos motivos diferentes.

O que antes ficava restrito fisicamente no ambiente da sala de aula, chamado de Bullying, tomou uma nova proporção, pois passou a caminhar através das novas tecnologias. Segundo Meier (2013, p.20) se entende Bullying como um comportamento intencional e sistemático que objetiva causar dor física ou emocional. Contudo, também temos a internet como um espaço que suprime barreiras espaciais e sociais, tornando possíveis as diferentes aproximações culturais, facilitando o relacionamento interpessoal. Mas, que também pode causar desconforto com o Bullying online, chamado Cyberbullying. Quanto ao entendimento sobre o tema Cyberbullying, de acordo com BELSEY (2004, p.43), pesquisador canadense e primeira pessoa a citar e definir mundialmente a palavra “Cyberbullying”, em seus estudos

define Cyberbullying como o uso de informações e de tecnologias de informação como email, celular, aparelhos e programas de envio de mensagens instantâneas e sites pessoais, com o objetivo de difamar ou apoiar o comportamento deliberado, repetido e hostil de um indivíduo ou grupo, com o objetivo de prejudicar os outros. (Belsey, 2004)

Não é levemente que a taxa de suicídios por causa do Cyberbullying crescem. Dados (FIOCRUZ, 2014) afirmam que cerca de 49% dos jovens já sofreram Bullying nas redes sociais. 35% dos entrevistados pela FIOCRUZ (2014) afirmaram que conhecem ou tem um amigo que já foi vítima de cyberbullying e apenas 12% ousou admitir ter sofrido agressão pela internet. Por que caminhar sobre o silêncio? O silêncio fala de si, disse Tolentino (1994), grande poeta português. Porém, a questão transcende o ato de calar, o ato de calar nada mais é que uma forma do agredido reprimir a vergonha e a dor da agressão.

Ao longo dessa pesquisa, pretende-se sistematizar a violência escolar e suas proporções que transpassaram o espaço educacional, se estendendo ao cyberbullying como produto resultante de uma sociedade que tem suas raízes embasadas em preconceitos, parte da origem do ódio tão presente na sociedade e, atualmente, nas mídias sociais. Dentre uma estrutura opressiva, fruto do capitalismo maçante, o cyberbullying está cada vez mais constante nas redes de comunicação.

Assim, não se pode deixar de fazer uma análise aprofundada sobre questões socioculturais que ocasionam tais incidentes. Do mesmo modo que é preciso estudar as vítimas da violência e daqueles que a causam, para assim compreender o problema como um todo. Além, de propor ideias de possíveis soluções que podem ser adotadas e as possíveis abordagens feitas pelo educador.

Os objetivos desta pesquisa é identificar se a violência, através do Cyberbullying, dentro do âmbito escolar, interfere (ou não) no desempenho da aprendizagem; sinalizar

os motivos e as causas do aparecimento de ações através do Cyberbullying e suas consequências na escola; e propor ideias de possíveis soluções para o combate ao Cyberbullying. A metodologia abordada será através de uma Pesquisa Bibliográfica Qualitativa voltada a ponderar o contexto histórico atual e problematizar a questão da violência escolar e seus impactos em relação ao desempenho dos estudantes sob ações do Cyberbullying.

Ao analisar uma pesquisa sobre Bullying no meio escolar feita pela Academia Paulista de Psicologia (BRASIL, 2010) foram descritas inúmeras situações que apresentavam agressões na relação entre os estudantes. Algumas, inclusive, resultaram em consequências graves. Com o surgimento de redes sociais, essas agressões tornaram-se virtuais encontrando um novo meio para se propagar e a possibilidade do anonimato passou a atrair ainda mais agressores, o que ainda vem se estabelecendo através do chamado Cyberbullying. Os números alarmantes de crime virtual levaram à reflexão sobre o que poderia ser feito para impedir que outras pessoas, em especial, crianças, estivessem protegidas de tal ato de agressão.

Sob olhos freudianos, compreende-se que os impulsos responsáveis pela inquietação dentre o convívio dos seres humanos tendem a ser relacionados aos impulsos dialéticos que correspondem ao eixo que constitui a subjetividade humana. A introdução negativa dentro do discurso cultural colaborou para a permanência de preconceitos e violências altamente constantes nos dias atuais e que podemos observar no Cyberbullying; sendo esse o motivo que nos levou a escolher o Cyberbullying como tema para essa pesquisa, e despertou o desejo de um melhor entendimento das causas e consequências que levam a esse processo através das mídias.

Variadas formas de violência são iniciadas ainda no âmbito escolar desde pequenos comentários maliciosos à agressão física. O discurso do ódio é propagado diariamente dentro das salas de aula sob diversas facetas, porém o que será posto em

evidência é o Cyberbullying.

Seria imprudente não ponderar que os incidentes relacionados ao bullying virtual também são produtos do que Bauman (2010) chama de modernidade líquida, ou seja, somos aquilo que consumimos. O radicalismo do consumismo e a busca incessante pela compra da "identidade" geram opressão aqueles que não seguem por essa vertente. Tudo está relacionado à facilidade e velocidade na conversão do mundo e nossa atualidade não busca pela permanência e resistência às forças que desagregam os valores culturais e sequer considera conservar forma por muito tempo, apenas segue a tendência que está em alta, o modismo.

Considerando os pontos abordados a respeito do fenômeno do Cyberbullying dentro do seu contexto mais amplo, nessa pesquisa nos voltamos a sistematizar tais questões a respeito em como acaba afetando a educação de forma direta.

Cook et al (2010), apresentou uma intensa pesquisa trazendo questões próprias do território norte-americano com quase 1000 artigos que fazem relações sobre o tema. Ainda é possível, examinar mais atentamente o Cyberbullying com todas as problemáticas apresentadas a respeito da pós-modernidade. As considerações regionais do Cyberbullying no território brasileiro se apresentam em Lima (2011) e Fante (2005) que estarão articulados com pensadores internacionais que tenham uma abordagem voltada à Psicologia Pedagógica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde que foi escrito a microfísica do poder do ilustre francês Michel Foucault (2010), teorias a respeito do poder como uma construção simbólica foram sendo produzidas. Nos estudos de Bourdieu (1989) o poder simbólico à construção está relacionado à transformação da visão inicial sobre o mundo; uma espécie de concretização, confirmação e assim, uma ação sobre o mundo. Ainda dentro de sua sistematização daquilo que considera poder, ele o caracteriza de forma transcendental, em palavras infantis quase como um ato de magia, propiciando um alcance equivalente do que é alcançado pela força devido ao resultado particular da mobilização. Pode-se, assim, diferenciar o poder de duas formas: em uma relação específica e através desta o poder que lhe é exercido ou o poder e tudo que lhe é sujeito. Segundo o seu trabalho, o autor discursa a respeito do poder invisível e o poder subordinado:

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (BOURDIEU, 1989, p. 15).

Ao decorrer do seu discurso, Bourdieu (1989) depreende as produções simbólicas como ferramenta de dominação. Logo, percebe os instrumentos, sendo estes estruturados ou estruturantes do conhecimento e a construção do mundo subjetivo que denunciam como ofício de dominação presente entre as classes, deixando de formar interiorizado o papel do dominante e assim, recorrendo sob máscara da violência simbólica. Ao sistematizar o ato de interiorizar, nota-se essa violência simbólica como uma construção social e que ao ser feita a interiorização, continua permanecendo socialmente.

Levando tais considerações ao âmbito dos fenômenos do cyberbullying, pode-se dizer que pela violência simbólica o agressor desempenha o poder e a dominação sobre suas vítimas, aqueles que lhes são dominados. Através dos símbolos, os ditos instrumentos da incorporação social, segundo o sociólogo, é que certo grupo, seja esse linguístico, religiosos e etc, acorda a respeito das representações presentes em seu meio e dessa forma podem influenciar para a propagação e a sustentação de um paradigma de ordem social. Concluindo, assim, que os símbolos estão diretamente vinculados à realidade e ao mundo, fazem parte deles. E, são através dessa relação que são expressos uma cultura, seus dogmas, seus valores.

No que concerne ao discurso do ódio, pode-se dizer que é divisível em duas partes. A primeira é a externalidade, assim entende-se que o discurso não externado é apenas um pensamento, impulso, reação ou só o ódio. A segunda parte é a discriminação qual ocorre quando o discurso sai do plano das ideias, como sugeriria Platão e é externalizado. Considerando as pesquisas de Waldron (2010) pode-se dizer que o vínculo entre aquele que enuncia a mensagem cujo cunho seja o discurso de ódio o seu objetivo compõe a superioridade e a inferioridade. O detentor do discurso do ódio quando salienta as particularidades a serem discriminadas vê-se a si mesmo em uma posição superior ao mesmo tempo em que sua vítima hostilizada é colocada em uma posição inferior a do seu algoz.

A criação dos computadores mudou a rotina dos seres humanos com a praticidade e a conexão global trouxe novas maneiras de fazer pequenas coisas cotidianas pelo acesso digital. Assim como toda forma tecnológica, houve o crescimento exponencial da habilidade tecnológica, sua possibilidade de armazenamento e até mesmo a possibilidade de transmitir dados. A internet gerou o espaço virtual, mas também um universo paralelo que conecta pessoas, tornando-se um ambiente comum e indispensável. O espaço virtual passou de hábito à dependência e com o seu avanço da rede uma nova dimensão surgirá,

a vida digital e junto seus novos paradigmas.

Dentre as criações humanas, a internet é de longe a mais brilhante. A criação de uma rede à quais inúmeros computadores estão de certa forma, interligados transformou e definiu o comportamento das suas seguintes gerações. Castell (2001), um grande cientista do meio social, ousou comparar o surgimento da internet com a invenção da energia elétrica em sua célebre obra: A galáxia da internet em 2003.

A sociedade humana, antes dependente apenas da eletricidade, agora se vê rendida à internet. Pode-se dizer que todos são dependentes do meio virtual. Hoje, a internet aproxima aqueles que estão distantes e apresenta um mundo de possibilidades aqueles que a procuram como recurso fundamental, esquecendo os livros ou qualquer outro método de pesquisa. A internet é uma posse pública, auto-sustentável o que permite o ingresso de milhões de pessoas aos diversos tipos de comunicação oferecidos pelas redes sociais e aos inúmeros tabloides que oferecem todo tipo de informação sobre qualquer assunto.

Com a criação de telefones celulares que comportam aplicativos e facilitam o acesso às redes sociais, tabloides e sites de pesquisa vieram mais uma revolução no meio da comunicação. As redes sociais virtuais, como se conhece, são agrupamentos através de softwares que permitem o registro de perfis pessoais com dados e diversas informações específicas. Pessoas do mundo todo podem criar perfis, acessar o perfil uma das outras e se comunicarem. Postar fotos, obter informações pelas redes sociais também é possível, considerando que está se tornou um meio poderoso de propagar notícias.

Sluzki (1997) apresenta como conceito sobre as redes sociais:

a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou que define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua autoimagem. (apud TEXEIRA, 2002, p.37).

As pessoas começam a criar perfis em redes sociais para se sentirem integrados à sociedade em que vivem, assim como se tornam parte de sua identidade. Entretanto, dentro do âmbito virtual as interações que ocorrem demonstram fortes laços efetivos, o que engloba declarações de amor, amizade e etc. Assim como existem declarações negativas, intimidações e até mesmo diversas ofensas.

As comunidades virtuais são agregadas sociais que surgem da Rede (internet), quando uma quantidade suficiente da gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético (ciberespaço). (RHEINGOLD, 2000)

As palavras de Rheingold (2000) caracterizam o espaço virtual. A partir do surgimento de novas tecnologias de comunicação reverteram e refizeram conceitos pré-estabelecidos, não somente porque o mundo mudou e sim por existirem diversas novas maneiras de comunicação e outras vão surgindo e tomando espaço a cada dia.

Até pelo menos uma década atrás, havia uma constante discussão sobre as imagens que eram transmitidas pelos meios de comunicação. Atualmente, com a vida digital as distâncias são esquecidas e um novo fenômeno começou a ser estudado por diversos psicólogos e sociólogos a nova criação de relacionamentos pessoais. Os usuários dependentes da internet tendem a sofrer o transtorno de ansiedade social cujo se entende por certa fobia das usuais interações do cotidiano como: frequentar a escola, ir à rua ou até mesmo falar em público.

Evidentemente, tais sintomas são destacados em pessoas tímidas, porém o transtorno ultrapassa o cerne da timidez. Os portadores deste transtorno apresentam medo ao serem avaliados por profissionais e paralisados por ele, costumam a se limitar ao mundo em que se sentem livres, ao mundo virtual.

REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR: OS IMPACTOS NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM.

A questão da violência já foi abordada em outros aspectos na presente pesquisa, sob a face do Cyberbullying, mas é possível observar outras ações dentro do âmbito escolar que são notórias e que englobam todas as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem. Apesar de todas as colocações a respeito do espaço escolar serem o meio para constituição moral, social e cultural dos indivíduos, além dos alunos, também os diversos funcionários estão envolvidos não se restringindo aos professores.

É necessário que as autoridades escolares; o que envolve a coordenação, direção e o corpo discente, não tomem atitudes de cunho coercitivo e que saibam analisar tais ações para que não ocorra apenas a opressão, mas também possa ter o ato reflexivo. Assim, não terá somente uma solução paliativa dos atos de violência e de seus reflexos na sala de aula.

A verdade é que a violência está presente em outros ambientes que não apenas o cotidiano escolar como também o doméstico, nas ruas e sobre diversas visões. Logo, é

preciso pensar na questão da violência e os fatores que a levam para dentro do âmbito escolar e de quais maneiras suas ações refletem no processo educacional.

A preocupação dos profissionais da educação e dos pais sobre a problemática da violência dentro das escolas, ainda mais no que diz respeito à Educação Pública. É um desassossego genuíno. Quando há a exposição dos atos de violência, sejam corporais ou verbais, vão repercutir nas ações dos educadores que poderão causar danos na qualidade do ensino e do desempenho dos alunos durante o ano letivo.

A verdade é que o bullying, assim como o Cyberbullying, está se expandindo dentro do âmbito educacional, conseguindo chegar até mesmo no âmbito universitário, mas a pesquisadora Oliveira (2009) a respeito de tal questão mostra que a violência sobre esse aspecto é algo muito mais comum no momento da juventude por envolver questões de maturação e todo processo de desenvolvimento de uma identidade própria. Tal asserção é reforçada por Fante (2005) ao apontar que é também o momento em que se estabelece a constituição de diversas relações, abordando as familiares e as escolares também.

Como já citado sobre Bourdieu (1989), as produções simbólicas são vistas como ferramentas de dominação e ao sistematizar o ato de interiorizá-las, essa violência simbólica se torna uma construção social que tem sua permanência socialmente vista. Ratificando assim que nos fenômenos do Cyberbullying o agressor desempenha o poder e a dominação sobre suas vítimas que são vistas como dominadas.

Dentro dessa análise, é possível compreender que o discurso do ódio é resultante do poder simbólico. Como já enfatizado por Bourdieu (1989), tal discurso se faz por meio de sistemas simbólicos como a arte, a saber, idiomático, a linguagem e responsáveis pela formulação de uma realidade embasada na presente homogeneidade. Essa realidade

está dentro dos parâmetros que Bourdieu (1989) intitulou de ordem gnosiológica – nada mais é que uma ordem epistemológica – qual se encarrega de estabelecer os limites dessa homogeneidade que se articula com as noções de uma visão de mundo.

Através dos símbolos, os ditos instrumentos da incorporação social, segundo o sociólogo, que certo grupo, seja esse linguístico, religiosos ou outros, acorda a respeito das representações presentes em seu meio e dessa forma podem influenciar para a propagação e a sustentação de um paradigma, de ordem social. Concluindo, assim, que os símbolos estão diretamente vinculados à realidade e ao mundo, fazem parte deles. E, é através dessa relação que são expressos uma cultura, seus dogmas, seus valores.

Para o professor, há uma relação de interdependência entre a democracia e o respeito mútuo. Tendo em vista tal conceito, sistematizou o processo de interiorização fundamental qual dita que após a concretização do ofício de inferioridade, têm-se a anulação da dignidade como um resultado inato. Posto que qualificado categoricamente o discurso do ódio apresente outros dois elementos, o primeiro discorre o ultraje qual evidencia de forma negativa a composição de um grupo sem o estímulo. Quando há o ultraje sem a presença do estímulo é considerado uma mera ofensa responsável por causar dano moral. O segundo elemento é o que se torna claramente visível que o primeiro por usar o insulto junto à instigação, o que resulta na incitação do ódio. Tal ato faz com que outros indivíduos se segreguem do grupo alvo das investidas do discurso de ódio, e acabem concordando com o agressor. Dessa maneira, ocorre uma facilidade na propagação do processo que é o gerador do ódio. Assim, quando o desenvolvimento concerne ao advento digital, a internet e suas redes sociais, sua extensão fica impossibilitada de ser medida tanto quanto seus danos.

Sobre o efeito que o discurso do ódio é capaz de causar, Fiss (2005) constatou que:

o discurso de incitação ao ódio tende a diminuir a autoestima das vítimas, impedindo assim a sua integral participação em várias atividades da sociedade civil, incluindo o debate público. Mesmo quando essas vítimas falam, falta autoridade às suas palavras; é como se elas nada dissessem.

Assim, a vítima da hostilização do discurso de ódio não é apenas a pessoa que é o alvo dessas ameaças, mas a própria dignidade humana. Quando esse tipo de discurso atinge uma pessoa ou um determinado grupo, o efeito surgirá justamente no ato de desumanização da vítima. Tal ato é mostrado como objetivo daquele que domina o discurso visando manter sua presa cativa, sem traço de humanidade e alienado dos seus direitos. A força do discurso está na exclusão que repercute e causa a ruína psicológica, social e até mesmo física da vítima

Para compreender um fenômeno, é necessário defini-lo. Segundo Campos e Jorge (2010) antes de ser feita uma definição é preciso reconhecer o Cyberbullying como um ato desrespeitoso. Não se pode comparar a um ato de violência a um patrimônio ou qualquer bem material, o Cyberbullying está diretamente associado à violência simbólica contra uma pessoa, podendo também chegar aos fins da violência física. De certo modo, a dominação psicológica é predominante à violência física e até mesmo, mais poderosa.

O que diferencia a violência física da violência simbólica é que a segunda trata-se de um determinado modo sigiloso, sem deixar rastros ou indícios para que seja o bastante para caracterizá-lo como crime e entrar em vias penais. Grande parte das práticas que envolvem a humilhação, o insulto e a constante difamação, não é denunciada, o que dificulta ainda mais a existência de alguma prova. E quando esta existe, é de difícil verificação. As vítimas acabam se escondendo e escondem junto o sofrimento como se fosse tão humilhante quanto à violência que sofrem diariamente. Parte dessa omissão é resultante da própria omissão daqueles que assistem o ato de desrespeito e nada fazem para impedir. Tais atos são recorrentes dentro do âmbito escolar.

O Cyberbullying é um conjunto de atos agressivos, podendo ser indiretos ou diretos, tendem a ser protagonizados por um agressor ou mais. Na maior parte das vezes, a vítima não tem meios para poder se esquivar, se defender ou evitá-los. O que diferencia o bullying dos outros tipos de violência ou agressões é a característica mais marcante: costuma ser sistemático e repetitivo, por não apenas querer machucar, mas causar danos, estes podendo ser permanentes. O agressor e a vítima não estão no mesmo nível de poder e tal desequilíbrio propiciam e facilitam a ação do agressor.

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. (...) Ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se ganha ou se perde (FOUCAULT, 2000)

Uma análise sobre o poder remete diretamente a Foucault. Entender o vínculo do agressor e da sua vítima requer um estudo sobre a realidade dinâmica que é a relação de poder. Segundo Foucault (1979), o poder não existe, o que existe são as relações de poder. Trata-se de uma estratégia cujo objetivo é encobrir a verdadeira face do poder. É evidente que a maior parte das pessoas desconhece tal dinâmica, o que facilita para os agressores passarem a impressão de serem os detentores do suposto poder.

Na visão foucaultiana o poder nada mais é que uma dimensão marcada pelo dinamismo que auxilia o homem a expressar sua liberdade. Desta forma, Foucault (1979) desconstrói a ideia perpetuada durante tanto tempo cuja característica é um poder estático pertencente a um lugar. A estrutura tradicional em forma de pirâmide representa que o poder é desempenhado de cima para baixo se dissolve no ideário de Foucault (1979) que vê o poder como um meio de diálogo entre os seres humanos que constituem a sociedade. Logo, a ideia de um poder como Deus, onipresente e onisciente já não possui mais lugar nesta visão porque era apenas um estímulo que alimentava um

juízo negativo sobre o poder.

Tudo se inicia com um comentário maldoso, uma crítica disfarçada. As palavras pejorativas começam a aparecer no cenário e o controle já não é mais existente. Durante o período escolar, muitas crianças foram hostilizadas por diversos motivos: aparência física, etnia, religião, condição financeira. E a verdade é que durante muitos anos isto foi silenciado com a desculpa de que era apenas uma implicância normal entre crianças ou brincadeiras. Sem que atitudes a respeito dos ocorridos, que na maioria das vezes eram recorrentes fossem tomadas, muitas marcas ficaram naqueles que sofriam silenciosamente.

As pesquisas a respeito do Cyberbullying são recentes, apesar de não ser um fenômeno novo. Surge como uma necessidade de sistematizar as agressões físicas e psicológicas que tinha grande força, principalmente, no âmbito escolar. Atualmente, há pesquisadores em quase toda a Europa e situados em diversos países. Porém, vale ressaltar que as pesquisas sobre o Cyberbullying foram iniciadas ao perceberem a relação entre o bullying e as diversas tentativas de suicídios entre os adolescentes, cerca de dez anos atrás.

Apesar do senso comum ainda não encarar o Cyberbullying com a seriedade merecida, resultados do Relatório Internacional da Saúde Mundial (Craig, 2004) ratificam o bullying e o Cyberbullying como uma preocupação mundial, um problema presente em todos os lugares do mundo. Ao que concerne a dados, cerca de um terço das crianças do mundo são vítimas dessas agressões, pelo menos uma vez em um mês. Cerca de 11% dessas crianças, que sofrem nas mãos de bullers e cyberbullers, o abuso é recorrente e bruto. Fante (2011) destaca dessa maneira:

essas agressões podem ser físicas ou verbais de um ou mais alunos contra um mesmo colega, ocorrendo repetidamente e sem haver motivo para tal. Também é caracterizado por uma relação desigual de poder, apesar de ser praticada entre iguais, os estudantes. Se um professor pega no pé de um aluno, não é bullying, se dois alunos brigam por um motivo qualquer, também não é, porém, se alguém é vítima de constrangimento por um ou mais alunos, várias vezes, é considerado bullying ou Cyberbullying, dependendo dos meios desprendidos.

Em solo norte americano, o assunto sempre fora uma grande polêmica. Existem diversos exemplares de filmes hollywoodianos que tratam sobre o assunto, alguns até de forma leviana. O tema circula frequentemente nos meios escolares e há um alarmante crescimento do fenômeno em escolas e por ser algo algoz, é considerado um conflito global. Os índices e ocorrências revelam resultados preocupantes para o futuro destes jovens que serão reflexos dos atos praticados durante a juventude e se tornarão adultos sem muita perspectiva.

No Brasil a Abrapia, uma ONG – Associação Brasileira Multiprofissional de proteção a infância e a adolescência – fora responsável por um projeto que tem em seu envolvimento onze escolas, privadas e públicas, cujo o objetivo é focar em debates e formar os professores e pais sobre o bullying e Cyberbullying e formas para que possam ser evitados. A única maneira de impedir esse crescimento violento é instruir os responsáveis a ficarem alerta a respeito do que ocorre dentro das salas de aula.

Ao redor do mundo inteiro, estudiosos chamam atenção para o Cyberbullying porque seu desenvolvimento está cada vez mais em alta, considerando um alerta preocupante devido os impactos que causam na vida vítima e de seus entes queridos e por estar atingindo uma faixa etária mais nova, logo nos primeiros anos da vida escolar. Dentro de uma média numérica, foi estimado por Fante (2002) que entre 5% a 35% das crianças estão envolvidas em algum ato de agressão ou violência na escola.

Apesar do Cyberbullying ser um problema que muitos pais e professores já estão cientes de sua existência, a verdade é que poucos ficam atentos ao fato que seus filhos ou alunos podem estar sendo diariamente atormentados, não só dentro do âmbito escolar, mas no ciberespaço. Até tomarem conhecimento, grande parte do comportamento agressivo e muitas vezes observado, é permitido como um ato normal e necessário para o curso do desenvolvimento. Desta maneira, são eventualmente

ignorados e não vistos como deveriam, o que proporciona a impressão de impunidade do ato de violência e a recorrência com tais atos ocorrem.

A época da vida em que tudo está em constante modificação. O corpo passa por diversas mudanças químicas, a constante cobrança dos pais mesclada à necessidade de um posicionamento sobre o futuro: o que ser, o que cursar, qual profissão tomar? Os questionamentos normais desse período transitório da vida. Com tantas mudanças psicológicas, fisiológicas acontecendo simultaneamente. A educação sempre foi responsável pela transformação da adolescência e da sua socialização. Com os novos meios de comunicação, a socialização e a adolescência sofreram alterações consideráveis. Fica evidente que dentro desse novo mundo que surgiu, o mundo virtual, a juventude não consegue viver em uma realidade que o afaste do mundo virtual. As novas tecnologias com as redes sociais trouxeram um novo modo de socializar, sem necessariamente, estar presente no mesmo lugar que a outra pessoa. Frente a essas novas maneiras de comunicação, o meio educacional se vê desatualizado, sem possibilidade de acompanhar os novos avanços. Sem conseguir dar respostas, educadores e pais tentam auxiliar esses jovens que estão em duplo processo: de formação e de transição a fase adulta. As novas tecnologias trazem junto novos paradigmas, como se é esperado.

A socialização pode ser entendida como um método pelo qual se aprende maneiras, regras, de um determinado grupo social ou uma sociedade para que assim cada indivíduo seja capaz de exercer uma função dentro desta. (Elkin& Handel, 1978). Ao longo da vida escolar, em seu início, o aluno virá a ser influenciado por dois grandes agentes da socialização, o professor regente da sala de aula e os colegas com quem conviverá.

Durante cada período histórico, aprende-se que a maioria das grandes invenções, a princípio, foram consideradas malélicas ou um fracasso. Isto ocorreu com a criação do relógio, da eletricidade, do telefone, da televisão, dos celulares e, finalmente, dos computadores. Quando as invenções foram anunciadas, diversas previsões enfatizavam o fiasco que não chegou a ocorrer. As invenções sobreviveram, não apenas pela novidade ou até mesmo pela praticidade, mas pela irreverência presente no desejo de conhecer

novas experiências e manter a mente aberta para novos paradigmas.

A fase da adolescência é marcada pela irreverência inerente da faixa etária e também é o período em que a criança está mais apta a utilizar as inovações tecnológicas. Isto se dá por encontra-se na fase da aprendizagem quando o mundo e tudo que está nele é uma novidade, motivo/objeto de experimentação. Uma característica comum a todos os jovens é a capacidade de adaptação e todos os novos inventos têm este requisito de seus usuários. Por isso, os jovens são mais facilmente seduzidos pelos adventos tecnológicos. Porém não apenas por requerer tal capacidade, mas por facilitar suas tarefas, pela velocidade e pela diversão. Basta fazer uma breve análise; às novas tecnologias ampliam os horizontes, desafiam e entregam a resposta de tudo aquilo que os adolescentes procuram, satisfazendo seus anseios da própria natureza inquietante típica da idade.

No meio virtual a palavra-chave é “online”. Estar online pressupõe o desapego da existência da proximidade física que está intimamente ligada com a possível não existência de uma ligação emocional por outra pessoa com quem há a comunicação pelo meio virtual. O desapego está, principalmente, pelo conhecimento da existência de possíveis alter-egos que habitam livremente o meio virtual. O fato de escrever pela máquina, de frente para um monitor, possibilita a manipulação daquilo que está sendo digitado, podendo ser informações falsas ou verdadeiras. Logo, dificulta o discernimento do tipo de mensagem quando não se conhece o interlocutor.

Compreende-se que a vida virtual é, de certo modo, necessária a vida real considerando que há uma dependência do status social com o status social online. Dentro das redes sociais o que marca a popularidade são a quantidade de amigos no perfil, o número de curtidas e o feedback das postagens. O respeito que é almejado dentro do mundo virtual é o mesmo que se espera na realidade, fora da tela do computador.

Independente dos papéis que podem ser exercidos no âmbito da internet ou por meio desta, a socialização online é satisfatória. Torna-se um atalho para novas possibilidades de crescimento pessoal, um meio de reencontrar amigos da infância, de fazer-se presente na vida de alguém que está longe fisicamente e até mesmo de ter apoio

em momentos de dificuldade. Em contrapartida, há a outra face da moeda, junto com todos os benefícios que a vida virtual pode trazer, também transfere toda a agressividade e amplifica os métodos como pode ser aplicada. Agressões psicológicas, comentários pejorativos, perseguição no meio virtual e assim surge uma extensão do Bullying: o Cyberbullying.

A atualidade trouxe um novo modo de socialização; é dentro da realidade virtual que a interação entre os seres humanos realmente passa a acontecer. Junto com essa nova dimensão de socializar, surgiram novos papéis a serem analisados e estudados e um deles é o que demarca o perigo do cyberbullying.

Atrás da máscara do anonimato, condenado por ser um ato de covardia, é o modo de falar verdades ou mentiras sem que precise arcar com as consequências que tal dizer costuma carregar. Sem a verdadeira identidade do emissor, este pode ficar impune das atrocidades que possa fazer ou dizer dentro das redes sociais. Assim, o anônimo está seguro de qualquer tipo de represália, podendo ser qualquer pessoa com exceção daquele que é o alvo de suas críticas ou mentiras sinceras.

A sociedade humana, antes dependente apenas da eletricidade, agora se vê rendida à internet. É inevitável dizer que todos são dependentes do meio virtual. Hoje, a internet aproxima aqueles que estão distantes e apresenta um mundo de possibilidades aqueles que a procuram como recurso fundamental, esquecendo os livros ou qualquer outro método de pesquisa. A internet é uma posse pública, auto-sustentável o que permite o ingresso de milhões de pessoas aos diversos tipos de comunicação oferecidos pelas redes sociais e aos inúmeros tabloides que oferecem todo tipo de informação sobre qualquer assunto.

Com a criação de telefones celulares que comportam aplicativos e facilitam o acesso às redes sociais, tabloides e sites de pesquisa vieram como mais uma revolução no meio da comunicação. Se antes já existia a dependência dos seres humanos com o mundo virtual, agora com Whatsapp, Facebook, Messenger, a dependência cresceu mais um nível. Os smartphones se tornaram um símbolo do status social virtual: desejo de consumo, de luxo e até mesmo de ostentação. Quem não possui um telefone celular que

dê acesso a tudo que um computador o faria, é considerado socialmente excluído e aquele que tem, é dependente do aparelho considerando-o como parte primordial da sua vida.

As redes sociais virtuais, como conhecemos, são agrupamentos através de softwares que permitem o registro de perfis pessoais com dados e diversas informações específicas. Pessoas do mundo todo podem criar perfis, acessar o perfil uma das outras e se comunicarem. Postar fotos, obter informações pelas redes sociais também é possível, considerando que esta se tornou um meio poderoso de propagar notícias. A mais famosa e mundialmente acessada é o Facebook. Dentro do âmbito virtual as interações que ocorrem demonstram fortes laços efetivos, o que engloba declarações de amor, amizade e etc. Assim como existem declarações negativas, intimidações e até mesmo diversas ofensas.

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede (internet), quando uma quantidade suficiente da gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético (ciberespaço). (RHEINGOLD, 2000)

As palavras de Rheingold (2000) caracterizam o espaço virtual. A partir do surgimento de novas tecnologias de comunicação que reverteram e refizeram conceitos pré-estabelecidos, não somente porque o mundo mudou, e sim por existirem diversas novas maneiras de comunicação e outras vão surgindo e tomando espaço a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência dentro do ambiente escolar, mesmo não se tratando de um fenômeno novo, não deve deixar de ser um tópico abordado no que diz respeito aos seus impactos

na educação. Suas inúmeras facetas precisam ser reconhecidas para que compreendam melhor suas diversas formas de influência.

Logo, tendo em vista as reflexões apresentadas pela presente pesquisa sobre o impacto da violência no ciberespaço e como tal fato resulta de forma negativa no processo de ensino e aprendizagem é possível afirmar que ainda dentro do âmbito escolar, há uma preocupação que tende a crescer cada vez mais e precisa ser discutida pelos profissionais da educação a fim de apresentar possíveis medidas para minimizar os impactos e diminuir a frequência dos atos.

É preciso que os professores, tais como toda gestão educacional, reconheçam as raízes dos problemas como a desigualdade social, falta de suporte familiar e como esses fatores acabam por ocasionar a violência, sem tomar como motivações exclusivas. A verdade é que envolve a parte de um todo, tendo como o próprio governo, a gestão escolar e a parte familiar como responsáveis. Para que a educação seja libertadora, todos os âmbitos precisam trabalhar em prol da mesma.

Assim, é preciso atentar sobre as relações interpessoais dentro e fora do ambiente escolar, considerando que o momento da aprendizagem é importante para a constituição do sujeito e do indivíduo como um todo. Afinal, é durante o momento escolar que as crianças passam a se afirmarem como indivíduos e assim, o processo de ensino-aprendizagem acaba por afetar e impactar o desenvolvimento destes de uma maneira geral.

A educação precisa ser libertadora para que desenvolva seres humanos pensantes e que possam ser ativos e críticos na sociedade, sendo bons cidadãos que acabam fazendo a diferença dentro do campo de atuação que futuramente escolherão. Não é à toa que continua ser debatida a importância de despertar nos alunos a sede e a vontade de aprender.

Assim, a Pedagogia que usa da opressão ou é passiva, não se colocando contra os atos de violência que ocorrem dentro da sala de aula, torna-se opressora e acaba por usurpar a própria consciência do aluno. Não tomar partido é também tomar partido.

A escola precisa proporcionar um ambiente livre de represálias em relação ao pensar diferente e a tudo que foge o padrão para que ocorra a preparação do indivíduo para a inserção dentro da sociedade gerando autonomia no aluno para que o mesmo possa pensar por si mesmo, questionar, argumentar e se posicionar sobre o que considera certo ou errado. Devemos ter o ambiente escolar como meio propício para a difusão de ideias e questionamentos.

A escola é a manutenção da própria democracia, sendo assim é preciso que o que se entende como democrático e seus conceitos sejam passados dentro e fora do ambiente escolar para que futuramente a violência dentro da escola e nos espaços virtuais não seja mais lembrada e/ou praticada e permaneça no passado.

Através dessa pesquisa, identificamos a violência, através do Cyberbullying, no âmbito escolar, como uma interferência negativa no desempenho da aprendizagem; pois, como já citado no corpo da presente pesquisa, o que leva um indivíduo ao Cyberbullying é a necessidade do poder exercido sobre sua vítima, usando de preconceitos e falta de respeito com a diversidade cultural quanto aos seus diferentes tópicos: crenças, etnias, sexualidade, tipo de moradia, etc; o que provoca a falta de estímulo naquele que sofreu o Cyberbullying. Entendemos, também, que em algumas situações a ação do Cyberbullying fica impune pela falta da apresentação do oprimido ou pelo medo deste ao opressor.

Propomos que as escolas desenvolvam atividades de conscientização contra a prática do Cyberbullying entre os estudantes com a presença dos responsáveis e dos próprios estudantes; que autoridades sejam convidadas a proferir palestras sobre o tema; que em sala de aula os professores dialoguem sobre o tema Cyberbullying; que sejam propostas atividades de pesquisas com ações lúdico-pedagógica que auxiliem na

compreensão sobre o Cyberbullying e possíveis soluções para o combate a essa prática repugnada pela sociedade.

A presente pesquisa deve ser vista como uma contribuição ao bem estar entre os estudantes e todos que passam por situações voltadas à prática do Cyberbullying com a sugestão de que novas pesquisas venham como continuidade ao tema central apresentado; desta forma estaremos viabilizando melhores resultados no desempenho escolar que tanto depende do incentivo, da motivação, de uma boa relação interpessoal em um convívio positivo entre as pessoas que compõem o espaço social e suas diversidades culturais.

Finalizamos respondendo a pergunta que originou o desenvolvimento dessa pesquisa: SIM! Consideramos que a violência escolar através do cyberbullying é um impacto negativo no desempenho da aprendizagem, mas acreditamos que unidos poderemos mudar esse quadro.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. Maus-tratos contra crianças e adolescentes. Proteção e prevenção: Guia de Orientação para educadores. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, Abrapia, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre educação e juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, v. único.

BELSEY, Bill. O que é Cyberbullying? – web Page – Bullying org. Canadá Incorporated, 2004. Disponível em: http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_information.pdf (traduzido para a Língua Portuguesa). Acesso em 18 de maio de 2021.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, P. O poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 14a ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Campos, H. R., & Jorge, S. D. C. (2010). Violência na escola; uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. Em Aberto, 23(83), 107-128

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. v.1. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. in A era da informação: Economia, sociedade e cultura.

CASTRO, M. Um estudo das relações de poder na escola pública de ensino fundamental à luz de Weber e Bourdieu: do poder formal, impessoal e simbólico ao poder explícito. Revista da Faculdade de Educação. vol.24, n.1, São Paulo, Jan./Jun., 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000100002&script=sci_arttext> Acesso: 23/04/2021.

CRAIG, C. S.; GHOS, A.; MCLAFFERTY, S. Models of the retail location process: a review. Journal of Retailing, v. 60, 2004.

Cook, B., E. Cook, P. Huth, J. Thompson, A. Forster, and D. Smiley, 2010: A cross-taxa phenological dataset from Mohonk Lake, NY and its relationship to climate. Int. J. Climatol., 28, 1369–1383.

EYNG, A. M. GISI, M. L. ENS, R. T. Violências nas Escolas: Representações Sociais e Diversidade no Espaço Escolar. In: EYNG, A. M.(Org) Violências nas Escolas: perspectivas históricas e políticas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p.161-176.

FANTE, C. A. Z. (2001): Bullying escolar, in Violência nas escolas, Jornal Diretor UDEMO, ano V, n.º 02, março/2002, São Paulo. Dados sobre estudos realizados em cinco escolas da Rede Pública e Privada de Ensino em duas cidades no interior do estado de São Paulo.

_____. Bullying: o fenômeno hoje. Disponível em: . Acesso em: 30 de março de 2021, às 20:00 horas.

_____. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, São Paulo: Versus, 2005.

_____. O Fenômeno Bullying e as suas Consequências Psicológicas. Disponível em: [www.psicologia.org.br /internacional/pscl84.htm](http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm). Acesso em: 27 de Março de 2021, às 20:30 horas

_____. C. & PEDRA, J. A. Bullying Escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Fundação Oswaldo Cruz- Fiocruz – Glossário de acesso aberto. <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/glossario>. Acesso em 21/05/21

FISS, Owen M. A Ironia da liberdade de expressão: Estado, regulação e diversidade na esfera pública. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Org. e Trad. Roberto Machado. 29a ed.. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, M. História da loucura. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: Nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 38a ed.. Petrópolis: Vozes, 2010.

HANDEL, S.N. The competitive relationship of three woodland sedges and its bearing on the evolution of ant-dispersal of *Carex pedunculata*. *Evolution* 32: 151-163, 1978.

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) - Academia Paulista de Psicologia. (2010). Comunidade IPUSP. Recuperado de www.ip.usp.br/portal/

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. Cyberbullying e outros riscos na internet: Despertando a atenção de pais e professores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
224 p.

MEIER, Marcos & ROLIM, Jeanine. Bullying sem blá-blá-blá. Ed. Intersaberes. Curitiba: Paraná, 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice. Bourdieu & a Educação. Ed.3. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Originador(es): Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência - ABRAPIA

RHEINGOLD, Howard. La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras. Gedisa Editorial. Colección Límites de La Ciencia. Barcelona, 2000.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112p (Coleção Educação Contemporânea).

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TEIXEIRA, E. C. O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. Revista AATR, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57253448/03-Aatr-Pp-Papel-Politicas-Publicas>. Acesso em: 15/05/2021

TOLENTINO, Bruno. "Crítico prefere esbravejar a argumentar". Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, Cultura, p. 3, set., 1994b.

WALDRON, Jeremy. Dignity and defamation: the visibility of hate. In: Harvard Law Review, v. 123, p. 1596-1657, 2010.